

Desde sempre que o ser humano receia o desconhecido...

Ainda que este receio seja acompanhado por um certo deslumbramento desafiante – não há outra forma de explicarmos os Descobrimentos Portugueses e a Viagem à Lua; nem sempre, nem em todas situações, isso se verifica.

Quando o desconhecido é exterior a nós, fazendo parte daquilo que nos rodeia enquanto mundo material, há um fascínio que nos empurra para ir descobrir esse desconhecido que tanto receamos; queremos conhecê-lo, apreendê-lo, torná-lo parte de nós, usá-lo como escada para a evolução. No entanto, quando o desconhecido é interior, quando faz parte das nossas crenças e das crenças dos outros, quando existe no mundo subentendido dos sentimentos e das emoções, quando não entendemos porquê; o nosso receio não é desafiado: ganha raízes e torna-se um obstáculo a essa evolução...

Não sei já teriam pensado nisto desta maneira...

Curioso; não?

Mais uma vez, o materialismo subjuga a nossa natureza espiritual, pois, enquanto o desconhecido material nos atrai e nos faz procurar e querer saber mais, o desconhecido imaterial faz-nos fugir da forma mais cobarde possível; pela ignorância; seja ela o acto de ignorar alguma coisa ou o acto de, não se conhecendo, não se querer conhecer...

E é neste nosso traço que se esconde a origem de toda a espécie de sentimentos negativos que se projectam no mundo sob as mais diversas formas de fundamentalismos.

É claro que – dito assim – parece simplista. E é, porque há outros factores que pesam naquele tipo de atitudes; como é o caso da educação que se teve – em casa, entenda-se -, da cultura que acompanhou o desenvolvimento dos ideais de cada um, das experiências que moldaram a personalidade dos indivíduos e, acima de tudo, do conceito de liberdade que cada um tem. Mas há uma verdade inegável: se, perante tudo isto, o indivíduo se questionar, deixar de aceitar as coisas como factos consumados e desistir de ignorar – e rejeitar – tudo aquilo que não entende imediatamente, criará espaço para a descoberta, para a curiosidade, para a possibilidade de mudar e – quiçá – deixar de recear esse desconhecido.

Se a existência de um mar imenso, e ignoto, povoado de histórias de monstros enormes escondidos no profundo oceano não nos travou e, pelo contrário, nos impeliu, porque razão o

facto de simplesmente alguém ser, pensar, sentir, gostar, acreditar, amar de uma forma diferente da nossa, nos faz agir com asco, horror, nojo e ódio?

Não esperem que eu saiba a resposta... Não sei. Ninguém sabe; acho eu... Nem quem se permite subjugar por esses sentimentos escuros que habitam a noite da alma, saberá explicar; sabemos bem como os argumentos usados são vazios de sentido e são suportados por pilares de ignorância secular, tão frágeis cuja resistência desafia a própria física.

Será o medo?

O medo é um nível acima do receio e um abaixo do pânico...

Enquanto se receia, está-se no limbo, no campo da ignorância – quase – inconsciente das coisas que não se entendem. Pode-se lá ficar uma vida inteira, sem maior agravo, vivendo a vidinha sem aborrecer ninguém e esperando que ninguém aborreça. Todavia, por vezes, é-se maçado por essas coisas que não se entendem e as pessoas assustam-se; e é aí que nasce o medo. O medo retira-as do limbo e a vontade de ignorar transforma-se numa força que se considera de acção, de defesa, passando a ignorar de propósito o desconhecimento e desconsiderando tudo aquilo que não se enquadra num determinado campo de saberes; e isso pode ser muito...

Não sei... Talvez seja o medo, com fluxos de pânico, que ainda vai sustentando esses pilares de ignorância secular; tão frágeis que desafiam a própria física.

Seja como for, quando ouço comentários – com os quais concordo inteiramente – sobre como é que é possível que em pleno Séc. XXI ainda se pense e se aja de determinada maneira perante as nossas irmãs e irmãos, pergunto-me sempre isto:

Seremos só humanos, imperfeitos, incapacitados de fazer melhor; ou será que nos fomos tornando incapazes de pensar pela própria cabeça e, através desse acto, deixámos de tentar ser, todos os dias, uma versão melhor de nós próprios?

Imagem de [Volker Lekies](#) por [Pixabay](#)